

CRIAÇÃO DE MELIPONÍNEOS EM LARGA ESCALA

Paulo R. Menezes
Meliponicultor em Mossoró-RN
E-mail: paulomenezes01@uol.com.br
Site: www.melmenezes.com.br

Entende-se por meliponicultura a arte de criar abelhas indígenas sem ferrão. Estes insetos sociais são encontrados em todas as regiões do planeta terra sendo que o Brasil é rico neste tipo de abelha. No nordeste brasileiro, na região semi-árida se destaca uma abelha da subfamília meliponinae que produz um mel de alto valor comercial e que por ser da região é de vital importância para o nosso ecossistema, pois ao visitar as flores para colher o néctar que o transformará em mel efetua o processo de polinização preservando a vegetação do sertão nordestino. Trata-se da Melípona subnitida, popularmente conhecida por abelha jandaíra. A jandaíra é portanto, uma abelha da caatinga nordestina, tendo sua nidificação predominantemente nas árvores Imburanas (*Bursera leptophloeos*) e cantigueiras (*Caesalpinia pyramidalis*), ainda existentes na região. Por ter seu manejo muito semelhante entre as variadas espécies, existindo apenas algumas exceções, iremos nos deter sobre a criação da jandaíra na certeza de que nossa experiência relatada servirá para ser aplicada nas demais abelhas sem ferrão. Seu manejo é bastante simples, pois além de extremamente dócil, não possui ferrão, sendo em consequência muito fácil a multiplicação de colônias. Seu mel é de um sabor muito agradável, meio ácido, de textura fina, tido como medicinal pela cultura popular, usado no combate ao resfriado e dor de garganta. Sua importância também deve ser ressaltada, no que se refere à polinização pois, por ser nativa, é responsável pela preservação da flora do semi-árido, já que, algumas plantas só conseguem se reproduzir com a intervenção deste inseto, devido sua adaptação durante milhões de anos. No momento, tenho aproximadamente 600 colméias, sendo 400 no quintal de minha residência e 200 na zona rural. Muitos dos enxames encontram-se ainda nos troncos como se encontram na natureza, que serão transferidas para as caixas racionais. As caixas são numeradas, sendo que, cada uma delas tem sua ficha de acompanhamento e controle. É muito importante o histórico na ficha pois ajuda no melhoramento genético, onde após a extração do mel, fica-se sabendo quais as melhores, que serão usadas na multiplicação e as piores, que serão descartadas. As caixas que uso são do tipo conhecidas por “colméias nordestinas”. São cortiços horizontais, com medidas internas de 75 centímetros de comprimento, 10 de altura e 07 de largura. Quanto à madeira, uso a Imburana, que julgo ser a melhor, já que 50% dos ninhos encontrados na natureza são localizados nesse tipo de árvore. Na falta da Imburana, qualquer outra madeira pode ser usada, desde que, não exale cheiro forte. Uso na colméia um alimentador interno, para nas épocas secas colocar o alimento sem haver necessidade de abrir o cortiço pelos motivos acima expostos. Quanto ao Meliponário – local onde se criam abelhas sem ferrão - uso o tipo móvel, pois tem a facilidade de locomoção. Consta de 03 prateleiras com régua de 2,5 metros de comprimento, distantes 40 centímetros de altura uma da outra, com barrotes de sustentação de 1,80 metros de altura. A família da Jandaíra é composta de uma rainha, dezenas de zangões e centenas de operárias, onde a rainha é a mãe de toda a família, o zangão é o macho das abelhas e a operária uma fêmea estéril. A Jandaíra como as demais abelhas já nasce adulta e pronta para o trabalho. Desempenham diversas tarefas na colônia a partir do nascimento até completar seu ciclo de vida onde nascem, vivem e morrem trabalhando. Quanto ao povoamento de colméias, ele se dá através de enxameação natural, enxameação artificial, povoamento através de iscas e por

transferência. No que se relaciona com o transporte de colônias, há algumas regras básicas para evitar problemas. 1º) O cortiço deve ser fechado, com tela, na noite anterior ao deslocamento a fim de que todas as abelhas tenham regressado do campo; 2º) O transporte porém, pode ser feito em qualquer horário, de preferência no período menos quente; 3º) A abertura no local definitivo deve também ser à noite. Como o alvorecer se processa lentamente, não haverá o alvoroço das operárias mais apressadas em partirem para o campo e correrem o risco de, não fazendo o reconhecimento da nova casa, atrapalhar-se no regresso. Sobre a revisão do meliponário, deve ser feita pelo menos duas vezes ao ano em família já instalada e diária na primeira semana após criado novo núcleo. Por ocasião da revisão, é importante observar a quantidade de favos de cria existentes e quando houver ninhos com poucas crias, reforçar os mesmos com favos de cria nascente (mais claros) de outra colméia forte. Deve-se também examinar a presença de inimigos como moscas pequenas (forídeo), formigas e cupins para que sejam retirados. É hora também de verificar a quantidade de mel e pólen, e se necessário iniciar a alimentação artificial. As Jandaíras (como as abelhas em geral) se alimentam de vitaminas encontradas no mel e proteínas encontradas no pólen. Ocorre que nem sempre há alimento no campo, e em época de pouca ou quase nenhuma florada surge a alternativa da alimentação artificial de manutenção. Para alimentar de maneira prática e eficiente uso somente água e açúcar na proporção de 50% de água e 50% de açúcar. As Jandaíras, como as demais espécies de abelhas, estão sujeitas a vários inimigos naturais, sendo que os mais prejudiciais são: o fórideo, já descrito em tópico anterior; a lagartixa que conseguindo ficar em frente ao alvado (orifício de entrada) devora todas as abelhas campeiras; a formiga, que atraída pelo mel destrói os favos de cria e conseqüentemente dizima a colônia; o cupim que se infiltra na madeira e causa grande estrago ao cortiço; o agrotóxico usado de maneira abusiva e infelizmente o próprio homem, que nos dias de hoje, devasta nossa mata nativa de forma irresponsável, destruindo tudo que está em sua volta de forma cruel pelo imediatismo do lucro fácil, esquecendo que quando destrói a natureza caminha para seu próprio extermínio. No que tange à produção de mel, por ser a Jandaíra uma abelha altamente seletiva, é bastante reduzida. Em anos de chuvas regulares, a produção é de, em média, um litro por colméia/ano. Quanto à extração, há várias maneiras de colher o mel, tais como: por gravidade (coloca-se a caixa sobre uma mesa inclinada, onde o mel após desoperculado escorre para um recipiente), retirando os potes, por sucção através de seringa. Executo o serviço com um pequeno sugador odontológico que permite uma colheita rápida e higiênica. Considero a melhor alternativa, uma vez que, o líquido é retirado dos potes operculados com pequeno orifício na parte superior do pote de mel, sendo sugado diretamente para o receptor. Faço a colheita de mel no período de maio até agosto, pois a época da colheita varia muito em função do início do período chuvoso em nossa região, que vai de janeiro a maio. Chuvas em janeiro, mel entre abril e maio; chuvas em maio, mel entre julho e agosto. Na criação da Abelha Jandaíra, uma etapa de grande importância para o meliponicultor é a comercialização do mel, que por ser muito procurado, raro e de alto valor comercial (chega a ser vendido por até dez vezes o preço do mel da Apis) é, em função disso, muito falsificado. Por este motivo é muito questionado pelo consumidor quanto à sua qualidade comprovada. Enquanto não são normatizados os padrões e procedimentos de coleta do mel de meliponíneos a nível ministerial, é de grande valia um trabalho de conscientização entre os criadores a fim de que a legitimidade do mel seja inquestionável. É importante também os meliponicultores usarem todos os espaços possíveis na mídia para divulgar entre a população que o mel além de remédio é considerado um dos alimentos mais deliciosos e puros encontrados na natureza. Agregar valor ao produto com uma boa embalagem, rótulo bem trabalhado, enfim com uma boa apresentação é essencial para atender a um consumidor cada dia mais vigilante e exigente.

